

COLEÇÃO AGRÁRIA

A. DE AVILEZ SIMAS

Criador-amador com longa prática, premiado em várias
exposições de Cunicultura

Mo de Codruu #17

COELHOS

Suas raças e características — Criação
e alimentação — Instalações — Doenças e
tratamentos — Conselhos úteis

E

PREPARAÇÃO DAS PELES

2

TRATADO ILUSTRADO E
ÚTIL A TODOS OS AMA-
DORES E CRIADORES DE
COELHOS

2\$50



RC
MNCT
63
SIM

GRÍCOLA
ENTO, 279
A

COLLEÇÃO AGRÁRIA

A. DE AVILEZ SIMAS

Trabalhador com longa prática, premiado em várias
exposições de Agricultura

COELHOS

Seus raças e características — Criação
e alimentação — Instalações — Doenças e
tratamentos — Conselhos úteis

e

PREPARAÇÃO DAS PELES



TRABALHO ILUSTRADO E
ÚTIL A TODOS OS AMES
DORES E CRIADORES DE
COELHOS



BIBLIOTECA AGRÍCOLA
RUA DE S. GENTIL, 219
LITORAL

COLEÇÃO AGRÁRIA

COELHOS

Suas raças e características — Criação
e alimentação — Instalações — Doenças e
tratamentos — Conselhos úteis

E

PREPARAÇÃO DAS PELES

POR

A. DE AVILEZ SIMAS

Criador-amador com longa prática, premiado em várias
exposições de Cuniculicultura



BIBLIOTECA AGRÍCOLA
RUA DE S. BENTO, 279
LISBOA

RC
MNC T
63
SIM

COELHOS

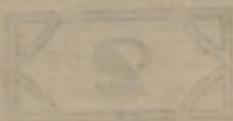
Suas raças e características — Criação e alimentação — Instalações — Doenças e tratamentos — Conselhos úteis

PREPARAÇÃO DAS PELES

por

A. DE AVILÉS SIMAS

Colaborador com longa prática, presidente da
exposição de Colômbia



Tip. H. Torres—Rua de S. Bento, 279—Lisboa

LISBOA

... sua liberdade diminuiu, que aquela começou a
... afirmar-se de tal modo que Robert Gervais, e ou-
... tros naturalistas illustres, declararam que o coelho
... selvagem não pertencia á mesma espécie zooló-
... gica do coelho doméstico — afirmação que, hoje,
... já ninguém pôde admitir.

O certo é que todas as raças — porque as há de
... todas as cores, tamanhos e feituras, todos os tipos,
... avermelhados, brancos, negros, malhados de di-
... versas cores; grandes e pequenos, deitados e po-
... indos, e com orelhas pequenas ou grandes — de-
... rivam de um único animal, o coelho selvagem.

Raças e suas características

É apenas por não ter manchas negras nas ex-
... tremidades, não possuir orelhas tão compridas, e
... ter menores dimensões, que o coelho difere da
... lebre.

Originário do norte da África, o coelho habita,
... em estado selvagem, tocas construídas por êle,
... nos cêrros e vales.

A sua exploração constitui uma importante fon-
... te de receita, tanto no seu fornecimento de carne
... como no de peles, cuja indústria é bastante pro-
... ventosa.

A fecundidade do coelho é superior à da lebre.
... Há pouco mais de um século, eram sòmente co-
... nhecidas três qualidades de coelhos — o *comum*,
... o *prateado* e o *Angora*; só mais tarde o *cuniculi-*
... *cultor* começou a ouvir falar no coelho *gigante* ou
... *patagão*.

Entre os coelhos domésticos, uns são utilizados
... para a mêsa, e outros, pela variedade e beleza da
... sua pelágem.

Foi no século XVI que, entre nós, se começou
... a cuidar da domesticidade do coelho, e tanto a

sua liberdade diminuiu, que aquela começou a afirmar-se de tal modo que, Robin, Gervais, e outros naturalistas ilustres, declararam que o coelho selvagem não pertencia à mesma espécie zoológica do coelho doméstico — afirmação que, hoje, já ninguém pôde admitir.

O certo é que tôdas as raças — porque as há de tôdas as côres, tamanhos e feitios: pudos, fulvos, avermelhados, brancos, nêgros, malhados de diversas côres; grandes e pequenos, delgados e bojudos, e com orelhas pequenas ou grandes — «derivam do coelho comum, seja pelo aparecimento inesperado de um carácter particular ou extraordinário, que se tornou hereditário, seja pela influência do lugar, seja, enfim, por efeito de cruzamento e selecção internacional, que o homem põe em prática».

É esta a opinião do sr. João Salema, lavrador e cuniculicultor experimentado, no seu interessante tratado «Coelho Doméstico», publicado no Pôrto, em 1924.

Coelho Borboleta

É também designado por *Coelho Borboleta*, *francês*, *Egípcio* e *Coelho de Tausac*. Esta raça, criada recentemente em Inglaterra, tem o pêlo branco, as orelhas prêsas e irregulares, e, à roda dos olhos, uma listra nêgra, também irregular, recortada em tôda a extensão da coluna vertebral, manchas nêgras, simétricas, de cada lado do ventre e do focinho, e as patas brancas.

A sua carne é de primeira qualidade, extrêmadamente fina. É, sobretudo, notável pela sua rusticidade e pela grande rapidez do seu crescimento,

atingindo, quando adulto, o pêso médio de 3,5 a 4 quilos.

O coelho Borboleta deve ser produto dum cruzamento, cujos factores, se bem que não estejam



Um bonito exemplar de Coelho Borboleta

ainda conhecidos, devem ser o coelho holandês e o russo.

É uma raça sãdia, prolífica e muito prática.

As suas principais características são: corpo alongado; cabeça pequena em relação ao corpo;

orelhas largas, compridas, e devem conservar-se direitas; pernas vigorosas e as de trás muito compridas; dorso quasi horisontal, ligeiramente arqueado nas ancas; pêlo curto, basto e sedôso, destacando-se, sôbre fundo branco e brilhante, as malhas nêgras, as quais podem ser pardas, amarelas ou azues.

Coelho Vienense Azul

Também conhecido por *Coelho Gigante de Viena*, o seu pêso, quando adulto, atinge geralmente cinco quilos. Quasi sempre o seu pêlo é nêgro, com as pontas brancas. Provém do cruzamento do *Prateado* com o *Gigante de Flandres* em proporções desconhecidas.

Há cuniculicultores que o confundem com o *Azul de Beveren* e com o de *S. Nicolau*.

As características do *Vienense Azul*, são: cabeça larga e forte na fêmea e mais ainda no macho; olhos grandes, brilhantes, de côr azul escura; orelhas largas, compridas e direitas; pêlo de comprimento médio, macio e brilhante; côr azul escura, uniforme.

As fêmeas são boas reprodutoras, dando ninhadas de 8 a 10.

Coelho de S. Nicolau

É uma raça semelhante à dos *Azues de Viena* que, noutros tempos, se criava nos arredores desta povoação.

Coelho de S.^{to} Inocencio

Os habitantes de Saboia dão êste nome a um coelho pequeno, cultivado unicamente pelo seu excelente pêlo. Talvez por ser ignorada a sua origem, dêle não se ocupam os tratados de cuniculicultura.

Coelho Vermelho de África

Não possui outra particularidade que não seja o pescoço pelado, característica que transmite à prole, e que é mais repugnante que digno do interesse.

Coelho Polaco

Foi nas exposições anuais realizadas em Londres, que o coelho *Polaco*, *Windsor* ou *Russo* — como alguns colecionadores o denominam — começou a apparecer, tornando-se uma raça apreciadíssima pela magnificência do seu pêlo todo branco, utilíssimo para a indústria de peles para abafos.

O coelho *Polaco* é pequeno. O seu corpo é curto e relativamente largo, não devendo pesar mais de um quilo e meio a dois quilos, quando adulto. Tem os olhos grandes, proeminentes, com as pupilas côr de rosa, menos acentuada do que na raça *Angora*.

A sua carne é excelente, tão saborosa que não se differença da do coelho bravo.

De natureza bastante delicada, o coelho *Polaco* deve ser criado em coelheiras muito higiênicas,

onde não entre umidade nem frio, mas onde o calor não seja excessivo.

As fêmeas são extremamente fecundas, bastante irritáveis e nervosas durante a gestação, e, depois, excelentes mães.

Muito sujeitos a diarreia, aos exemplares desta raça não deverá ser fornecida muita alimentação verde, havendo, por isso, necessidade de lhe administrar alimentos pouco aquosos.

Esta raça é singularmente caracterizada por uma mancha negra sobre as ventas, e ainda por as extremidades das patas serem também calçadas de negro.

Segundo a opinião de alguns cuniculicultores, o coelho *Polaco* deriva do coelho chinês ou russo; segundo outros, é um produto da degeneração do coelho holandês.

A côr da pelagem nestes coelhos tem uma importância capital — deve ser de uma alvura superior à do *Angora*; se fôr um pouco amarelada, perderá metade do seu valor.

Coelho Alaska

Só depois da Grande Guerra esta raça de coelhos se tornou mais conhecida, espalhando-se pela Inglaterra, França e Alemanha.

Os ingleses chamam a si a obtenção da raça; os franceses pretendem ter sido êles os seus obtentores.

Como a nós isso pouco interessa, vejamos as características desta espécie: corpo elegante, curto e arredondado; cabeça média, bastante estreita na fêmea; orelhas pequenas, curtas e direitas; olhos castanhos escuros e olhar vivo; pernas del-

gadas e direitas; pêlo basto, curto, muito brilhante e fino; côr negra intensa, uniforme em todo o corpo; pêso variável entre dois quilos e meio a três quilos.

Esta raça desenvolve-se com relativa rapidez, é rústica e prolífica. Cria-se, especialmente, por causa da beleza da sua pelagem, bastante apreciada.

Os machos não devem ter papeira, e nas fêmeas, quando esta aparece, deve ser pequena; ao contrário, nota-se a desvalorização da raça.

Coelho Havano Francês

É esta raça, graças à sua linda côr de pelagem, uma das que, em França, mais depressa obteve o interesse e carinho dos criadores de coelhos.

Apareceu, pela primeira vez, em 1902, na exposição da Sociedade Nacional de Avicultura de França, onde obteve um segundo prémio.

É uma raça que não exige cuidados particulares, bastante rústica e fecunda.

Citemos as suas características:

Olhos grandes e castanhos; orelhas curtas e sempre direitas; pernas finas e alongadas; corpo elegante e esguio, com a linha dorsal bem direita; cabeça de tamanho médio, redonda, de fronte largo (focinho curto no macho e um pouco afilado na fêmea); cauda direita, bem encostada ao corpo; pelagem curta, densa e lusidia; côr castanha, uniforme, parecida com a da lontra, o que dá o principal valor a esta raça.

O seu pêso varia entre dois quilos e meio a três quilos.

São bons reprodutores, produzindo ninhadas de sete a nove filhos, que se desenvolvem rapidamente.

Coelho Havano Gigante

Alguns criadores de coelhos, entre êles Pontigny, têm-se esforçado por promover o desenvolvimento do coelho Havano Francês, procurando aumentar o tamanho da sua pele e o pêso da sua carne, obtendo assim o Havano Gigante, que, pela primeira vez, apresentaram nas exposições de cunicicultura realizadas em 1914 e 1922.

O *Havano Gigante*, para ser puro, necessita possuir as boas qualidades e características do *Havano Francês*, e o seu pêso deve ser de quatro a quatro quilos e meio, e nunca inferior.

Coelho Gigante Branco de Vendaia

Diz o distinto criador de coelhos, sr. João Louro, na secção «Capoeira», da «Enciclopédia do Lar», págs. 230 e 231 do Vol. II, o seguinte, àcêra desta apreciadíssima raça de coelhos:

«É uma raça muito rústica e prolífica, produzindo uma carne finíssima e proporcionando grandes peles, bastante apreciadas na indústria da pelaria, visto que se prestam a variadíssimas imitações, além da sua aplicação no seu estado natural.

«Assim se explica a justa voga que tem alcançado, tanto em França, que é o seu país de origem, como no estrangeiro.

«As peles dêstes coelhos, em especial dos ma-

chos castrados, têm sempre mercado garantido por preço remunerador, desde que as peles sejam tiradas de Dezembro a Fevereiro, e que os animais tenham de oito a doze meses.

«O cuniculicutor deve prestar a sua melhor atenção à selecção dos coelhos.

«Dela, essencialmente, depende que os reprodu-



Fêmea «Gigante Branco de Vendaia»,
com cinco filhos nascidos do primeiro parto

tores sejam verdadeiramente excelentes, e dela depende, conseqüentemente, o êxito da criação.

«Tem a selecção por objecto escolher os melhores entre os bons, para que, criados em condições excepcionais, dê como resultado final a obtenção de magníficos animais, que se reservam para reprodutores.

«Apartam-se uma ou mais fêmeas das melhores, as quais se deixam procriar um limitado número de vezes (três ou quatro partos por ano), com o

fim de obter filhos bastante robustos, atendendo a que a mãe tem um grande descanso.

«Estes partos podem ser normais ou reduzidos.

«São normais os partos de 6 a 8 filhos, e neste caso faz-se a primeira selecção, retirando os coelhos de menor tamanho, deixando apenas três ou quatro.

«Se o parto é reduzido (três ou quatro filhos) tanto melhor, porque então os seus produtos são excelentes para a selecção.

«Estes poucos filhos que a mãe cria não devem ser desmamados cedo, nunca antes dos dois meses, nem se deve levar a mãe ao macho, sem que os filhos estejam desmamados.

«Quando os coelhos estão já bem desenvolvidos, aos 3 ou 4 meses de idade, procede-se à última selecção, escolhendo os mais formosos, enérgicos e vivos, e que ao mesmo tempo mostrem ter bem acentuadas tôdas as características da raça».

Coelho Fulvo de Borgonha

Bem proporcionado, forte, relativamente curto, de lombo largo, o *Fulvo de Borgonha* tem mais de um século de existência, segundo afirma o sr. João Salema.

Descrevamos as suas características:

Cabeça forte e larga no macho, e mais delgada na fêmea; olhos médios, de côr azul, muito escuros; pernas curtas e grossas; orelhas, de 13 centímetros, fortes e direitas, em forma de V; pêso variável de três e meio a quatro quilos e meio; cauda média, direita e encostada aos flancos; papreira admirável nas fêmeas e intolerável nos ma-

chos; e a côr fulva, uniforme, tendo o ventre e a parte inferior da cauda brancos.

As fêmeas são boas mães, sendo, vulgarmente, as suas ninhadas de seis a oito filhos.

É uma raça de bom e rápido desenvolvimento.

Coelho Branco de Hotot

Esta raça de coelhos brancos difere das demais por ter os olhos negros.

É uma raça muito recente, desconhecendo-se a sua origem, que os franceses afirmam pertencer-lhe, havendo, no entanto, quem assegure que ela descende dum cruzamento da raça Gigante da Flandres.

O corpo dêste coelho é largo, forte e grosso tendo o dorso um pouco arredondado.

A cabeça é larga e curta no macho, e delgada na fêmea, olhos negros, grandes e vivos; orelhas direitas, um pouco inclinadas para a frente e com a forma das do Fulvo de Borgonha; pêlo fino, basto e brilhante; pernas de diante finas, e grossas e compridas as de trás; e o seu pêso oscila entre quatro a cinco quilos.

As coelhas dão, geralmente, sete a dez filhos, em cada ninhada.

Nas fêmeas admite-se a papeira; nos machos é inadmissível.

As peles dêstes coelhos, de uma alvura puríssima, sem mistura de outra qualquer côr, são lindíssimas, imitando o arminho ou a raposa branca de pêlo fino, basto e brilhante.

Esta raça conta já algumas subvariedades, entre as quais se conta a variedade *Rex*, actualmente muito explorada em Portugal, precisamente pela belesa da sua pele.

Coelho Azul de Reveren

Também não é conhecida entre nós a origem desta raça, se bem que alguns cuniculicultores afirmem que ela descenda do coelho *Azul de Viena*.

Cria-se abundantemente na França, na Inglaterra e na Bélgica, sendo, em qualquer dêstes países, bastante apreciado.

As suas características são notáveis — olhos grandes, brilhantes, azuis escuros, pêlo comprido, basto e brilhante, de côr azul acinzentado; orelhas compridas, abertas em V e estreitas; pernas dianteiras curtas e delgadas, e as trazeiras fortes e compridas; a linha do dorso um pouco elevada e as ancas largas. O seu pêso deve ser de três a quatro quilos e meio.

Esta raça exige os mesmos cuidados de criação que a *Azul de Viena*, especialmente para a produção de lindas peles.

Coelho Angora

Uma das mais importantes raças de coelhos, não se conhecendo ao certo a sua origem, embora se saiba que a raça primitiva era de Santo Inocência. Como os exemplares desta fôsem pequenos, mas muito bonitos, alguns cuniculicultores conseguiram aumentar-lhes o tamanho, não prejudicando as suas excelentes qualidades, e valorizando progressivamente o seu rendimento industrial.

O cuniculicultor que se dedicar à criação dos

Angoras necessita de ter com êles cuidados indispensáveis, que outras raças não exigem.

As características desta raça são: forma do corpo alongada, dando-lhe os seus pêlos, bastante compridos, o aspecto duma bola de neve; cabeça um pouco esguia e de tamanho proporcionado; bôca pequena, nariz coberto de penugem branca; olhos grandes e alongados; pálpebras finas; orelhas curtas e direitas, inteiramente nuas e rosadas, cobertas exteriormente por pêlos sedosos e bastante compridos; pernas compridas e delgadas, terminando por largas patas; pescoço forte e curto, oculto entre os pêlos; e cauda comprida, igualmente provida de abundantes pêlos.

Nos exemplares de pelagem branca, os olhos são côr de rosa pálida, tendo, as variedades pardas ou negras, os olhos escuros.

Nesta raça, a qualidade do pêlo tem extraordinária importância. Deve ser fino, sedoso, abundante e muito comprido e macio. O seu comprimento não deve ser inferior a dez centímetros, chegando, em alguns exemplares, a atingir dezoito e vinte centímetros.

O pêso dos Angoras regula, geralmente, três e meio a quatro e meio quilos.

A sua carne é saborosa, ao contrário do que muitos afirmam, e quanto mais macia é a pelagem, mais valor tem o animal.

Sendo a variedade branca a mais apreciada, também existem exemplares de côres parda, negra, fulva, azul-ardósia, e ainda as bicolores parda e branca, azul e branca, negra e branca e fulva e branca. A variedade azul é muito bonita, mas os exemplares perfeitos são raríssimos.

As fêmeas são boas mães, dando, geralmente, ninhadas de sete filhos.

Resumindo: os exemplares de raça Angora são dos melhores que conhecemos para quem se dedica à exploração e indústria de coelhos e peles.

Coelho Gigante Branco Bouscatt

Dada a grande voga das peles brancas de coelho em todo o mundo civilizado para a confecção de abafos de luxo, e para a confecção de guarnições em que a pele branca predomina, parece-nos interessante mencionar esta raça de coelhos, cujas peles, não tendo tanto valor como a dos *Hermine-rex* e *Blancrèx*, são, todavia, de óptima qualidade e de grande brancura, recomendando-se também pelas suas dimensões.

A criadora do *Gigante Branco de Bouscat* foi M.^{me} Dulon, que, pela primeira vez, expôs em Caen e em Paris, no ano 1908, alguns exemplares.

Provém esta raça de diferentes cruzamentos metódicamente conduzidos entre *Angora* branco, o *Prateado de Champagne* e o *Gigante de Flandres*.

É um coelho de bom formato e boas linhas.

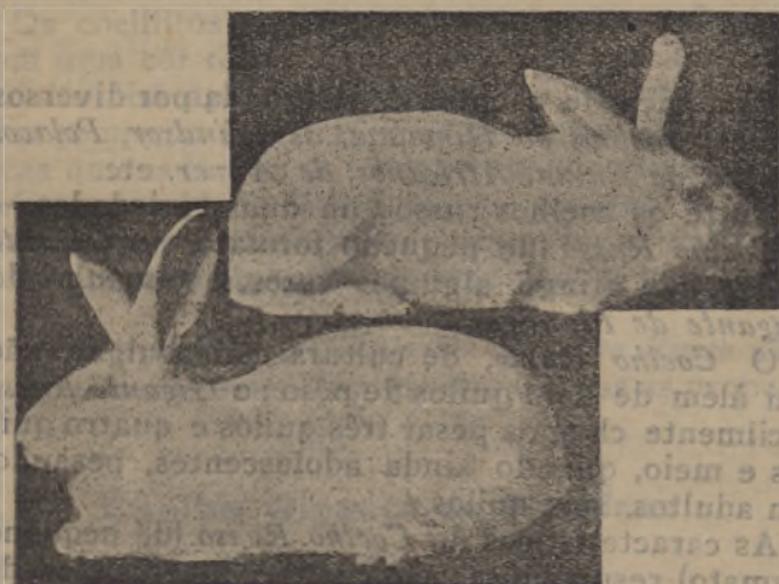
Tem a cabeça grande e arredondada; orelhas largas, grossas, compridas e muito afastadas, Pêlo mediano, entre o pêlo raso e o do *Angora*, mas muito fino, macio e sedoso. A côr é branca de leite, com reflexos prateados. Pêso médio: cinco a seis quilos, atingindo, às vezes, sete.

É um coelho muito rústico e fácil de criar, contentando-se com uma única refeição por dia, uma vez que seja abundante, desenvolvendo-se com grande rapidez.

Geralmente, o seu crescimento estaciona por algum tempo, dos três para os quatro meses, mas

retoma-o em seguida, desenvolvendo-se, então, rapidamente.

A sua carne é de primeira qualidade, extremamente fina, e pelo menos igual à das outras raças, estando, entretanto, a qualidade da carne mais ou menos subordinada a dois factores muito importantes, que são o bom alojamento e a bôa alimentação.



Em cima: o macho; em baixo, a fêmea, ambos com 8 meses e pesando cinco quilos

A sua pele é, como já dissémos, uma pele fina, devendo ser tirada quando êles atingirem um ano de idade. É, então, uma pele muito procurada pelos peleiros, não só por ser bastante grande, mas ainda por o seu coiro ser macio e flêxivel,

Conquanto seja um coelho rústico, é absoluta-

mente necessário, como já dissemos, ter convenientes alojamentos, observar uma boa higiene e alimentá-lo com abundância.

As fêmeas são boas mães e muito prolíficas, dando sete a nove filhos, e os machos, de temperamento ardente.

Coelhos Russos

Esta raça de coelhos é designada por diversos nomes: *coelhos do Himalaia, de Windsor, Polacos brancos da China, Africanos, de Anver, etc.*

Entre os coelhos russos há duas variedades — o *Coelho Russo* (de pequeno formato, e o *Gigante Russo*, que atinge, algumas vezes, o tamanho do *Gigante de Flandres*.

O *Coelho Russo*, de cultura mais vulgar, não vai além de dois quilos de peso; o *Gigante Russo* facilmente chega a pesar três quilos e quatro quilos e meio, quando ainda adolescentes, pesando, em adultos, seis quilos.

As características do *Coelho Russo* (de pequeno formato) resumem-se: são curtos e atarracados, de formas arredondadas, cabeça elegante, mais larga e chata no macho que na fêmea; olhos vermelhos ou côr de rosa escuros; orelhas finas, bem colocadas à frente da cabeça, cerradas uma contra a outra, curtas e afiladas; patas finas e longas; pelagem branca pura, com manchas negras nas orelhas, nas patas, na cauda e no focinho. Estas manchas não devem, as das orelhas passar da base; as do focinho não devem chegar aos olhos; as das patas devem ir até à primeira articulação das mãos e ter a maior extensão possível nas

pernas; a cáuda deve também ser inteiramente negra.

O seu pêlo é curto, fino, lúcido, muito cerrado e macio ao tacto; a sua carne tem um gôsto delicadíssimo; é uma raça bastante prolífera, óptima para exploração doméstica.

Uma fêmea pôde dar, anualmente, cinco ninhadas de seis a dez filhos, não devendo, porém, acasalar-se antes dos oito mêses.

Os coelhitos nascem completamente calvos e com uma côr rósea de pele, mas passados quatro a cinco dias apparecem cobertos de pêlo. Aos vinte dias começam a definir-se as manchas características que cada vez se vão acentuando mais à maneira que a idade avança, a não ser que os coelhos estejam mal alojados, porque, nesse caso, as emanações amoniacais da urina pôdem prejudicar a côr.

As características do *Coelho Gigante Russo* são sensivelmente semelhantes, ressaltadas as proporções.

Coelho Gigante de Flandres

É um dos mais corpulentos entre as raças conhecidas, tendo o inconveniente de não ser muito rústico, ser bastante sensível às mudanças de temperatura, e sofrer muito com o calor, o que o torna difícil de alimentar nos países quentes.

Em Espanha conseguiram aclimatá-los, dando o nome de *Gigantes Espanhóis* a uma raça que não é outra coisa senão o *Gigante de Flandres* aclimatado.

Em Portugal tem-se importado belos exemplares directamente da Bélgica ou do norte da Fran-

ça, mas a sua manutenção como raça pura não tem sido bem conduzida, de modo que alguns fracos se têm registado.

O *Gigante de Flandres* puro é um animal linfático e de crescimento lento, mas engorda facilmente, sendo até preciso fazer passar alguma fome aos reprodutores, para lhes não prejudicar a fecundidade.

Logo a partir dos dois meses de idade, um coelho desta raça pôde engordar, quando bem alimentado, 250 gramas por semana, e entre os dois meses a sete meses, pôde atingir um quilo em cada mês.

O *Gigante de Flandres* é muito comprido, largo, pouco alto, espáduas bem afastadas e dorso horizontal. O seu comprimento, medido desde a ponta das orelhas à ponta da cauda, atinge com facilidade 95 centímetros, havendo exemplares que medem um metro e cinco.

A cabeça difere bastante nos dois sexos: fina e alongada e de frente estreita na fêmea, é maciça larga e arredondada no macho; a côr dos olhos harmonisa-se sempre bem com a côr da pelagem. As orelhas são largas, fortes, vivas, e com um comprimento de 15 a 18 centímetros; as patas anteriores bem aprumadas e as posteriores potentes e rectas.

As unhas são negras nas variedades de raças escuras, e nas outras assemelham-se em côr à côr dos olhos. A cauda tem a parte inferior branca; o pêlo é muito comprido, espesso e liso, e a sua côr é a principal característica das diversas variedades. Assim, sendo a raça primitiva de côr parda vulgar nos coelhos, uma variedade mais escura, outra branca, outra negra e outra azul.

Para reproduzir, as fêmeas devem ser entregues

aos machos só depois de terem completado 8 meses, não se lhes devendo deixar mais que dois filhos da primeira barriga, e os machos devem ter um ano.

São os mais indicados para cruzamentos com o nosso coelho vulgar.

Coelho Carneiro Inglês

Hà dois séculos que esta curiosa raça de coelhos é criada com entusiasmo na Inglaterra.

O *Carneiro Inglês* é um descendente do *Gigante de Flandres*, escrupulosamente seleccionado por um cuniculicultor inglês.

A sua fôrma é extremamente extravagante, e muitas são as suas características — cabeça conservada sempre muito levantada, e pouco volumosa em relação à extraordinária corpulencia do animal; um pouco alongada, sobretudo nas fêmeas, de perfil convexo, sem pregas de pele, nem saliencias arbitárias. Os olhos são grandes, redondos e proeminentes; as orelhas desempenham um papel preponderante: são excepcionalmente longas, chegando a medir cada uma cincoenta e cinco centímetros de comprimento. Espessas e estreitas na base, vão adelgaçando até à extremidade, e alargando até ao meio, para novamente estreitar até à ponta.

A maior largura atinge, nos exemplares perfectos, 16 centímetros. Devem cair bem, sem tocar os olhos, e é necessário que mostrem sempre a sua superfície convexa.

A má posição das orelhas dá lugar a defeitos, que cuniculicultores inexperientes tomam por outras tantas variedades da raça. Assim, quando

elas conservam uma posição próxima do horisontal, em lugar de cair encostadas à cabeça, o coelho toma o nome de carneiro de remos: *oarlope*; se elas se projectam para a frente, chama-se carneiro de chifres: *horn-lope*; quando uma das orelhas cai normalmente junto à face e a outra se conserva direita, temos o meio carneiro: *half-lop*.

Afirma o sr. João Salema que estas posições de orelhas aparecem às vezes em alguns coelhos das ninhadas de reproductores escrupulosísimos mas todas elas constituem defeitos que convem evitar.

O pescoço do *lop* é alongado e forte, e a cauda é forte e curta; as espáduas são baixas, o dorso muito arqueado, e os quartos trazeiros largos e bem arredondados.

As pernas devem ser direitas, mas as de diante entortam freqüentemente por causa do pêso do corpo, que varia entre quatro a sete quilos. Acho exagerado; os pêsos de 8 quilos já são muito raros. O pêlo é de comprimento médio, bastante áspero, e às vezes um pouco lanoso, podendo ser bicolôr ou unicolôr. No primeiro caso temos as seguintes variedades: negra e branca, escama de tartaruga e branca, amarela e branca. etc; no segundo, as seguintes: branca, negra, azul, parda, amarela e fulva, tôdas de côr bem uniforme. As fêmeas adultas, têm, geralmente, uma grande papreira, que não deve formar prégas.

Esta raça é mais digna de figurar numa exposição do que prática. É pouco fecunda e pouco sádia, exigindo abundante alimentação e fornecendo carne que não é nenhuma especialidade.

Para reproductores devem escolher-se os indiví-

duos de aspecto mais saudável e que melhor apresentem os caracteres do carneiro.

A melhor época para a reprodução é o verão, e nunca antes das fêmeas terem atingido 8 meses e os machos nove, não convindo deixar a mãe mais de três coelhos em cada ninhada.

Criação, alimentação e instalações

Passando o coelho, geralmente, uma vida inteira de reclusão, não é de estranhar que o bom resultado da sua criação dependa dos cuidados com que se estabelece a criação. Uma das condições essenciais da indústria da criação de coelhos, consiste na racional instalação da criação. ~~Primeiramente~~, devemos nos preocupar com a escolha do local, que deve ser seco e saudável no inverno, e abrigado de sol no verão. A exposição mais conveniente é ao nascente e a coelheira deve ser bem abrigada do norte. O piso é extremamente prejudicial aos coelhos, mais também é necessário evitar os excessos de calor. Se o criancilheiro tem em vista criar coelhos e vender coelhos, precisa dispor de um local amplo e apropriado onde possa estabelecer a sua criação, que poderá ser maior ou menor, conforme o número de animais que pretende produzir, e ainda segundo a fase ou raça que deseja criar. Não devemos constituir coelheiras para número superior a trezentos coelhos. A forma e a disposição das coelheiras podem

duos de aspecto mais saudável e que melhor
apresentem os caracteres do carneiro.
A melhor época para a reprodução é o verão
e nunca antes das fêmeas terem atingido a ma-
dureza e os machos nove, não convendo deixar
mãe mais de três coelhos em cada ninhada.

II

Criação, alimentação e instalações

Passando o coelho, geralmente, uma vida inteira de reclusão, não é de estranhar que o bom resultado da sua criação dependa dos cuidados com que se estabelece a coelheira.

Uma das condições essenciais da indústria da criação de coelhos, consiste na racional instalação da coelheira. Primeiramente, devemos-nos preocupar com a escôlha do local, que deve ser sêco e soalheiro no inverno, e abrigado de sol no verão. A exposição mais conveniente é ao nascente, e a coelheira deve ser bem abrigada do norte. O frio é extrêmamente prejudicial aos coelhos, mas também é necessário evitar os excessos do calor.

Se o cuniculicultor tem em vista comer coelhos e vender coelhos, precisa dispôr de um local amplo e apropriado, onde possa estabelecer a sua coelheira, que poderá ser maior ou menor, conforme o número de animais que pretende produzir, e ainda segundo a raça ou raças que deseja criar.

Nunca devemos construir coelheiras para número superior a trezentos coelhos.

A forma e a disposição das coelheiras podem

variari, exigindo-se apenas que elas tenham as seguintes e indispensáveis condições: muita limpeza, ar e luz.

O cuniculicultor que forma apenas meia dúzia de coelhos não tem dificuldade alguma em os alimentar, e a despêsa que faz com o seu sustento é quasi nula; porém, quando esse número aumenta, torna-se necessário reservar um terreno menor ou maior, especialmente destinado às culturas que têm de ser consumidas nas coelheiras.

É grande o número de alimentos de que pode lançar mão: ervas, forragens, raízes, frutos, sementes, etc., sendo tal a variedade, que difficilmente aqui poderíamos enumerar, dada a escassez de espaço de que dispomos.

Muitas coelhas deixam morrer os filhos porque não têm leite sufficiente para lhês dar.

Tôdas as espécies de coelhos se alimentam e criam da mesma maneira, podendo, de resto, por meio de cruzamentos sensatamente dirigidos, obter-se do coelho o que se quizer. Escolhendo as raças e seleccionando para reprodutores individuos em que os predicados que se pretende obter estejam nitidamente acentuados, é relativamente fácil atingir o fim.

O macho deve ser grande, vivo, que se debata enèrgicamente quando o agarrem. Bem alimentado, pode acudir a quinze fêmeas e algumas vezes mais. Não deve, entretanto, ter-se junto delas, mas à parte, bem instalado e fartamente nutrido.

Em caso nenhum se deve juntar o macho com a ninhada. É o pior dos pais e, no estado selvagem, mata propositadamente os filhos.

As coelhas melhores reprodutoras apresentam o dorso largo, as coxas bem fornecidas de carne, as têtas desenvolvidas e o olhar vivo e brilhante.

Quando se quizer a fêmea fecundada, reüna-se o casal durante uma noite, mas nunca antes dela haver completado seis meses; sendo fecundada mais cêdo, é quasi certo abortar, com prejuízo da sua saúde e da propagação futura.

Conhece-se que foram fecundadas quando, decorridas três semanas após o coito, apresentam as têtas um pouco inchadas. Falhando a segunda tentativa de fecundação, o melhor é matá-las, porque só são boas para comer. A boa e variada alimentação do animal tem influência importante no acto da geração.

A coelha dá à luz, em regra, dez filhos de cada parto. Uma vez coberta, é necessário alimentá-la abundantemente. A gestação dura trinta ou trinta e um dias. Pouco tempos antes, é preciso fornecer-lhe palha ou fêno sêco em abundância para que prepare o ninho. Quer porém, ela o prepare ou nós lho preparemos, depois dêle pronto e habitado não se lhe deve tocar. Por muito robusta que seja a coelha, difficilmente pode alimentar dez filhos; mais vale, portanto, retirar-lhe os dois mais fracos, se a mãe for muito vigorosa, ou os três ou quatro menos bonitos, se for fraca ou não muito nova. Doutro modo, a maioria da ninhada desenvolver-se-á mal, morrendo cêdo.

Ao fim dum mês ou cinco semanas, quando os coelhos pequenos já sabem comer, apartam-se da mãe, e juntam-se no compartimento onde estiverem os da sua idade.

Pouco tempo depois, procede-se à castração dos que forem destinados à engorda. A operação é simples: abre-se o escroto, tiram-se os testículos, torce-se o cordão e untam-se os lábios da ferida com manteiga fresca. Os operados pouco sofrem. Para engordarem depressa não são pre-

cisos outros cuidados além de farta alimentação e sossêgo.

Quanto à mãe, um mês depois do nascimento da ninhada, mesmo quando ainda se conserva a seu lado, póde ser novamente, coberta, mas deve retirar-se-lhe uma semana depois.

Na entrega das fêmeas ao macho, para serem cobertas, deve haver método e ordem, porque a confecção de um ou mais fétos, quando outros já estão gerados, conduz inevitavelmente ao aborto. Havendo atenção e cuidado, póde-se, apenas com duas coelhas, contar, anualmente, com oitenta coelhos, e às vezes mais.

Os coelhos vivem oito, nove e até dez anos, mas é evidente que não se deixa que atinjam tamanha longevidade.

Para repredutores devem apartar-se os que tiverem de um a quatro anos; chegando a êsse limite, ou se matam ou se vendem, porque depois desta idade não valem muito nem como reprodutores, nem como artigo de consumo.

O coelho come muito e muitas vezes, são-lhe pelo menos necessárias três refeições diárias, sendo vantajosa em lha dar a horas certas.

É um êrro pensar que não debem Ao contrário, devem ter sempre á sua disposição alguma espécie de comida quando houver pouca vegetação para lha.

A comida para os coelhos deve sempre collocar-se em pequenas mangedouras gradeadas ou de rêde larga, suspensas na parêde ou colocadas ao centro da coelheira, cobertas ou não, mas sempre dispostas de maneira que êles não possam saltar-lhe para cima. Economisa-se assim muito alimento, porque, espalhado a gravel, os coelhos enchem-no de urina e já lhe não pégam.

Está calculado que um coelho come por dia

meio quilo de legumes e duzentas e cinquenta grammas de forragens. Êste consumo, que é relativamente grande, seria enorme se não houvesse a descontar, durante o ano, os mêses de primavera, alguns de verão, e os do outono, em que a colheita de erva permite suprimir, quási por completo, a ração caseira.

Um dos alimentos que melhor come é a folha da couve, apesar de pretenderem, alguns cunicultores que lhe comunica mau gôsto à carne. Todos os coelhos gostam muito de pão, assim como de milho, trigo, etc., mas estas guloseimas devem ser reservadas para os machos, quando no exercício das suas funções, para as mães que estão criando, para os coelhitos castrados recentemente, e para aquêles que principiam a engordar. A êstes últimos é muito conveniente dar-lhes também sêmeas amassadas, que lhes excitam muito o apetite. O feijão sêco, reduzido a farinha e adicionado às sêmeas, em razoável proporção, é excelente para o leite.

O coelho come muito e muitas vezes; são-lhe, pelo menos, necessárias três refeições diárias, havendo vantagem em lhas dar a horas certas.

Ê um êrro pensar que não bebem. Ao contrário, devem ter sempre água bem limpa, especialmente quando houver pouca verdura para lhas dar.

A erva molhada causa-lhe indigestões, quási sempre fatais. Mais vale, quando esteja orvalhada ou encharcada pela chuva, fazê-los jejuar até que enxugue convenientemente.

Na boa estação há uma infinidade de ervas dos jardins e dos campos com que pódem ser alimentados. A chicória brava, especialmente cultivada para êles, dá-lhes saúde, não sendo em

excessivas doses. Gostam muito de salsa, cerefólio, taraxaco, erva serralha, pimpinela, aipo, fôlhas de milho, massarocas tenras, etc. Tôdas as plantas dos prados artificiais lhes convém, assim como ramos tenros de ulmeiro, acácia, choupo, nogueira, etc., de que róem até a casca. Apreciam, igualmente, tôda a espécie de raízes, como cenouras, beterrabas, nabos, pastinaga, batatas, topinambores, etc.

Quando se trata duma criação de coelhos em larga escala, vale a pena estudar quais as ervas que preferem, e cultivá-las especialmente para êles.

Tem-se feito vários estudos sôbre a influência que determinadas plantas podem exercer na engorda dos coelhos. Segundo essas experiências, as plantas odoríferas comunicam-lhes à carne um gôsto exquisito, sendo de notar que é justamente o coelho um dos animais onde essa influência mais se faz sentir. De tôdas as ervas nessas circunstâncias, a pimpinela parece ser a que lhes perfuma mais agradavelmente a carne. É, de resto, muito fácil, tê-la em abundância.

Basta, por exemplo, num jardim ou numa horta, empregá-la em tôdas as bordaduras. Como brota muito ràpidamente, ter-se-a todos os dias a quantidade necessária para constituir, pouco mais ou menos, a terça ou a quarta parte da alimentação dos animais.

Podem dar-se-lhes também os ramos e rebentos provenientes da limpeza das roseiras.

As sobras da mesa e da cozinha, cascas de batata, de nabo, de ervilhas, de favas, de fruta, côdeas de pão, etc., tôdas estas coisas êles aproveitam e nada se deve desperdiçar.

As plantas nocivas para os coelhos, são: estra-

mónio, cicuta, azedas, meimendo, teixo, louro, pessegueiro e amendoeira. A distribuição diária de alimento para coelhos, seguida por um experimentado cuniculicultor, é a seguinte:

De manhã: um punhado de limpadura e uma porção de erva serralha; ao meio dia: algumas batatas e um braçado de ramos de salgueiro; à tarde: fôlhas de couve, luzerna ou ervilhas sêcas.

A primeira distribuição pode ser substituída por um punhado de cascas de ervilha, serralha, taraxaco; a segunda por beterrabas e trevo; a terceira, por batatas e trevo.

O regime hoje preferido consiste, em primeiro lugar, na criação em cédulas ou caixas de engorda onde o coelho fique encerrado sem poder desperdiçar, em saltos e correrias, a energia que retira dos alimentos.

Desta maneira, uma qualquer caixa com o fundo fasquiado ou gradeado por forma a deixar cair os dejectos sólidos e líquidos, e que tenha uns 30 centímetros de largura por 40 de fundo e 50 de altura, é bastante como célula de engorda.

Na Bélgica usa-se, com o mesmo fim, uma simples prateleira «ètagere» ou polé bastante acanhada, e sôbre a qual se dispõe o coelho a bastante altura do solo. O coelho é obrigado assim a manter-se atento para não perder o equilíbrio, e isso deve ser um suplício. Como está elevado do solo não se atira espontâneamente ao chão, e o coelho é assim vítima da própria timidez.

As caixas ou as prateleiras de engorda devem ser colocadas nos sítios mais tranqüilos, e quanto à alimentação, aconselham os entendidos a seguinte, dada de preferência a coelhos com 6 a 7 meses, época em que, segundo as raças, o aparelho digestivo atinge o óptimo de aproveitamento.

Dar-se-ão então três refeições por dia e da forma seguinte:

Primeira semana:

1.^a refeição: Batata cozida amassada com sênea.

2.^a refeição: Cenoura e aipo.

3.^a refeição: Beterraba.

Ségunda semana:

1.^a refeição: Papa de batata com farinha de cevada.

2.^a refeição: Milho cozido e chicória.

3.^a refeição: Cerofólio e aveia espargida com água salgada.

Terceira semana:

1.^a refeição: Papa de batata com farinha de cevada.

2.^a refeição: Milho cozido.

3.^a refeição: Fêno cerofólio (ou salsa), e pão impregnado em leite.

Êste regime pode dar à terceira semana o acréscimo de um quilo, e é o que preconiza Foncault.

Espanet aconselha a seguinte ração de engorda, dividida em dois períodos iguais cada um, com a duração de uma a duas semanas, conforme o estado anterior das carnes do coelho.

1.^o período:

Pela manhã: Hervas (de preferência aromáticas) e aveia em grão.

Ao meio dia: Luzerna e batata ou cevada.

À noite: Fêno fino e aromático, plantas da fa-



mília das umbelíferas, incluindo a falsa cicuta, grão e oleaginosas.

Segundo período:

De manhã: 50 gramas de aveia, milho e raízes de celeri.

Ao meio dia: Folhas de zimbro ou oxiedro, plantas aromáticas e leite.

À noite: Beterraba, celeri e milho.

Logo que os coelhos atinjam o limite de engorda, devem ser sacrificados, porque daí por diante tôda a comida que se lhes dá constitue prejuízo, pois não aumentam de pêso.

*

*

*

Ocupemo-nos agora, mais demoradamente, das instalações.

As coelheiras abertas devem ser estabelecidas num recinto cercado de muros altos, que os gatos não possam saltar, e com pavimento impermeável e suficientemente inclinado, para rápido escoamento dos líquidos. O melhor pavimento é, incontestavelmente, o feito com cimento, mas podem servir os feitos com tejos ou pedras, desde que tenham as juntas bem tapadas com cimento, ou cal hidráulica.

Encostado ao muro e abrigado do norte, constrõe-se um alpendre, sôbre o qual são colocadas as gaiolas para reprodutores e animais de engorda, assim como caixotes que servem para abrigar os coelhitos, que andam à sôlta no pátio desde que se apartam das mães até aos três meses de idade, chegada a qual, os machos não devem estar juntos com as fêmeas se não tiverem sido préviam-

mente castrados, operação fácil e muito vantajosa para os destinados ao consumo.

É ainda, debaixo do alpendre que se dispõem, em número suficiente, as mangedouras ou comedouros, em que se distribue a comida aos coelhos, que estão no pátio a descoberto.

Coelheiras fechadas são as cobertas por cima, estando, por isso, os seus habitantes, ao abrigo das chuvas e dos inimigos, incluindo as aves de rapina, que às vezes causam importantes prejuízos nas coelheiras abertas. A sua construção não é difícil nem dispendiosa.

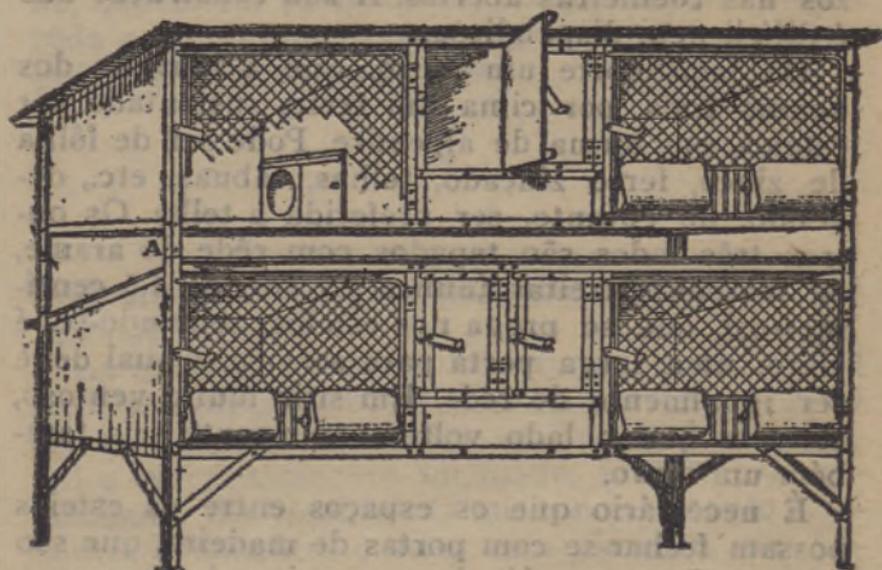
Do lado norte um muro, que a abrigue dos ventos frios, por cima um tecto, sustentado por esteios, em forma de alpendre. Pode ser de fôlha de zinco, ferro zincado, telhas, tábuas, etc., devendo, no entanto, ser preferida a telha. Os outros três lados são tapados com rêde de arame, de malhas estreitas (nunca excedendo 1,5 centímetros), que se prega nos esteios, deixando-se, é claro, uma larga porta para serviço, a qual deve ser igualmente de rêde. Em sítio muito ventoso, convém que o lado voltado ao poente seja também um muro.

É necessário que os espaços entre os esteios possam fechar-se com portas de madeira, que são de grande conveniência nas noites de inverno e sempre que haja vento frio e úmido, que prejudica os coelhos.

O pavimento será impermeável e inclinado, de modo que as urinas saiam imediatamente para fora da coelheira, onde se aproveitam num balde, com o fim de serem lançadas sôbre a estrumeira, ou seguem por um encanamento para a nitreira, se a disposição do terreno o permitir.

O ninho pode ser fixo ou pode ser móvel; em

qualquer dos casos, as suas medidas internas não devem ser inferiores a 35 centímetros com comprimento por 25 de largura e 27 de altura. Para as raças grandes, estas dimensões têm de ser maiores. Fixo ou móvel, é indispensável que tenha uma porta por cima, ou do lado, pela qual seja fácil examinar o seu conteúdo, operação muito importante para o bom resultado da criação.



Modelo de gaiolas para reprodutoras

A mangueira de grades é um objecto de grande conveniência em tôdas as gaiolas, porque sem ela os coelhos estragam uma quantidade de alimentos muito superior àquela que êles ingerem.

Para que uma mangueira seja boa, é preciso que impeça o desperdício da comida, obstando

ao mesmo tempo a que os coelhos urinem sôbre ela.

Os gamelos, servindo uns para comedouro, outros para bebedouro, e alguns para ambas as coisas ao mesmo tempo, podem ser construídos de madeira, fôlha, louça, cimento armado ou ferro fundido.

O comprimento dos gamelos para colhos depende do número de animais que está em cada gaiola; a largura, porém, deve ser sempre de 15 centímetros.

Inflamação dos olhos — Lavagens com água de malvas.

Reumatismo — Fricções com um pedaço de flanela embebido em álcool canforado.

Há ainda a triquinose, as ténias, cepticémias, sarna no corpo ou nas orelhas, mormo, inquinocose, gastrite verminosa, coriza, coccidiose, cenurose, angina, anemia, e abcessos, cujos tratamentos mais dificultosos e longos de relatar não cabem neste pequeno compêndio que não é mais do que um simples orientador dos amadores-criadores de coelhos.

As plantas tónicas, com aplicação aos coelhos fracos, são:

Angélica selvagem, aipo, salsa, artemisa e funcho.

As principais plantas aromáticas são: Tomilho, alfazema, serpão, segurelha poejos, germandria, absinto, citronela, hortelã, etc.

As amargas são: chicória, agrimonia, espinheiro, zimbro, salgueiro, oliveira, etc. Tôdas as plantas amargas, além de serem muita nutritivas, estimulam o apetite dos animais.

As raças que de preferência devem ser cultivadas, quando se tenha em vista especialmente aproveitar as peles dos animais são: Orelhudos brancos e azuis, Orelhudos borboletas (Papilons), Havanezes, Prateados, Russos, Nêgros Fulvos, Gigantes de Flandres e Angoras brancos e pretos.

O bom resultado na criação de coelhos depende, em grande parte, da boa escôlha dos reprodutores que, por hereditariedade, transmitem aos filhos a maior parte dos seus caracteres físicos e morais, das suas boas e más qualidades.

Não se devem utilizar para reprodutores, nem os animais muito novos, nem os muito velhos.

Enquanto os coelhos apresentam olhar brilhante, vivacidade de movimentos e excrementos duros e com a fôrma habitual, nada há que recear pela sua saúde.

Os coelhos podem ser esfolados de duas for-
 mas, deixando ficar a pele aberta ou deixando-a
 ficar em fôlo. De ambas as maneiras é indispen-
 sável proceder sempre com a maior cautela, para
 as peles não fiquem manchadas com sangue, o
 que muito as desvaloriza. Quando, apesar disso,
 cougado, cair alguma gota de sangue no pêlo,
 tire-se esta com um pano molhado, e estende-se
 com pó de gesso até que desapareça. Se o sangue
 sajar o couro, o que acontece com frequência,
 limpa-se facilmente com um pano. Se as peles
 estiverem muito sujas de sangue, deixam-se de

IV

Curtido, conservação, desengorduramen- to e lustragem de péles

O valor de uma pele de coelho depende, além
 do seu tamanho e da uniformidade da côr, do
 comprimento, quantidade, qualidade e resistência
 do pêlo, da perfeição com que foi tirada, do seu
 estado de conservação e de limpeza, e da grossura
 do couro. Para que adquiram todo o seu valor —
 segundo a opinião dos srs. João Salema, Eurico
 Simoncini, Paul Puget, Gilbert Conturat e Allen
 Rogers — as péles devem pertencer a coelhos que
 tenham, pelo menos, 6 meses, e sejam mortos no
 inverno, desde o princípio de Dezembro até Mar-
 ço. As péles dos machos com mais de oito meses,
 sobretudo de algumas raças fortes, são grossas
 de mais, e por isso impróprias para adorno.
 As péles das fêmeas servem com qual-
 quer idade, mas é preciso que estas não sejam
 mortas na ocasião em que estão a amamentar os
 filhos.

É da máxima importância, para obter uma boa
 pele de coelho, o modo como êste fôr esfolado.

Os coelhos podem ser esfolados de duas formas: deixando ficar a pele aberta ou deixando-a ficar em fole. De ambas as maneiras, é indispensável proceder sempre com a maior cautela, para as peles não ficarem manchadas com sangue, o que muito as desvaloriza. Quando, apesar dêsse cuidado, cair alguma nódoa de sangue no pêlo, tire-se esta com um pano molhado, e esfregue-se com pó de gêsso até que desapareça. Se o sangue sujar o carnaz, o que acontece com freqüência, limpa se fàcilmente com um pano. Se as péles estiverem muito sujas de sangue, deitem-se de môlho em água fria, e lavem-se convenientemente.

Um processo muito simples para preparar as péles consiste no seguinte:

Limpem-se as péles dos vestígios de sangue, e preguem-se em seguida, bem esticadas, numa prancha lisa, de madeira, com o pêlo voltado para esta. Piquem-se então com uma agulha grossa, afim de facilitar a acção do líquido conservador de que se fará uso. Êste líquido consiste numa forte decocção de folhas sêcas de sumagre dos curtidores. Com uma boneca de trapo, que se embebe na decocção, esfreguem-se vigorosamente as péles estendidas; lavem-se seguidamente e sequem-se à sombra o mais ràpidamente possível. Proceda-se a esta operação mais duas ou três vezes, tendo sempre o cuidado de proceder a lavagens cada vez que se faça uso do líquido.

Segundo a fórmula como forem esfolados os coelhos varia a preparação das péles. Além do sistema indicado anteriormente, o cuniculicultor poderá usar êste outro:

Coloque-se a pele de modo a ficar sem rugas, sôbre uma tábua, com o pêlo para baixo, e ras-

pe-se depois com uma faca pouco afiada para lhe tirar o resto da carne e membranas aderentes. Com um pincel, esfregue-se o carnaz com a seguinte solução: água, 1000 gramas; alumen, 100 gramas; sal de cozinha, 40 gramas.

Dissolva-se a quente esta mistura, cõe-se por um pano e aplique-se a frio, podendo conservar-se numa garrafa, na qual não deverá introduzir-se o pincel depois dêste ter sido aplicado às péles.

Coloque-se a péle à sombra, em sítio onde haja corrente de ar, e nunca ao sol, nem perto do fogo.

Para evitar a putrefacção ou a queda do pêlo, aconselha o engenheiro químico Paul Puget, a seguinte solução: num litro de água quente, dissolvam-se 60 gramas de alumen e 30 gramas de sal de cozinha. Engarrafe-se o líquido depois de frio. Aplique-se, usando um pincel, sôbre a face carnuda da péle, duas vezes no verão e uma no inverno. Sêcas as péles, empilhem-se, pêlo contra pêlo.

Em qualquer dos casos indicados, é necessário que as péles sejam frescas, devendo conservar-se, antes do tratamento, de môlho em água fria durante vinte e quatro horas.

Tratando-se de preparação de peles sêcas, é necessário fazê-las voltar ao estado de frescas, para então se proceder à raspagem com a faca. Para isso, deitem-se de môlho em água salgada durante dois dias, decorridos os quais deverão amarranhar-se com as mãos, ou pisarem-se a pés, conforme a sua quantidade, durante 3 dias, pela manhã e à tarde, mudando-se a água, que deverá ser sucessivamente menos salgada. Ao sexto dia, metam-se em água pura, onde deverão conservar-se até ao décimo dia, que é quando estão em

condições de serem raspadas, como se realmente fôsem frescas, devendo então proceder-se como já explicámos.

Feito isto, prepare-se então o banho de alúmen, segundo a fórmula indicada anteriormente, e quando a temperatura fôr tal que se possa conservar a mão dentro, sem a queimar, mergulhem-se as peles no referido banho, comprimindo-as com a mão muitas vezes e em todos os sentidos durante 10 a 15 minutos, para elas ficarem inteiramente ensopadas, deixando-as assim pelo espaço de dois dias. Decorridos êstes, retirem-se do banho e repita-se a operação. Depois desta segunda vez, cuja duração deverá igualmente ser de dois dias, retirem-se e coloquem-se à sombra, a secar, sôbre uma tábua e com o pêlo para baixo.

Logo que estejam quási enxutas, estiquem-se em todos os sentidos com as mãos, duas vezes por dia, até secarem de todo, tendo o carnoz inteiramente branco e fiquem ao mesmo tempo, flexiveis e macias.

Acontece, às vêses, uma parte da pele ficar mais dura e mais resistente à distenção do que as outras. Quando assim succeder, aperte-se e estique-se bem a péle com as mãos, até que fique igual ao resto, devendo proceder-se sempre com cuidado para não arrancar os pêlos.

Uma verdadeira curtimenta que tambem dá excelente resultado é o processo de preparação por meio do sumagre.

Para o aplicar é preciso tirar primeiramente todos os restos de carne, membranas e sangue adherentes à pele, depois do que é pregada num caixilho de madeira, com o pêlo para baixo e bem estendida.

Com um pequeno esfregão ou boneca de pano

de lã bem molhada numa decocção concentrada de pó de sumagre empregado pelos súrradores, friccione-se energeticamente o carnaz.

Quando o líquido penetrou bem na péle, o que se facilita furando-a préviamente em muitos sítios com uma agulha grossa, lava-se com água fria e, em seguida, ponha-se a secar rápidamente à sombra, ou melhor, numa casa onde a temperatura seja um pouco elevada.

Repita-se a operação duas ou três vezes, ao fim das quais a péle se acha preparada, faltando apenas amarrotá-la convenientemente, e esticá-la em todos os sentidos, até ficar bem flexivel e macia.

Depois de qualquer dos processos de preparação que indicamos, deverá proceder-se ao *desengorduramento* do pêlo, o qual se obtém do seguinte modo: estende-se a péle sôbre uma mêsã com o carnaz para baixo, polvilhando bem o pêlo com cinza de madeira peneirada e deixando tudo em repouso 24 horas. Sacuda-se depois a cinza, batendo bem a péle com uma vara de madeira, e escove-se, para alisar o pêlo. Em substituição da cinza, poderá empregar-se gêsso em pó, o qual deverá conservar-se 24 horas em contacto com o pêlo, sacudindo-o, por último, do mesmo modo que aconselhamos para a cinza.

Concluído o desengorduramento, proceda-se à *lustragem*, a qual torna o pêlo muito mais liso e luzidío.

Tratando-se de péles brancas, quando sujas e amareladas, e se pretendam branquear, umedeçam-se ligeiramente os pêlos e penteiem-se. Suspendam-se, seguidamente, numa casa, em que se queimè uma quantidade conveniente de enxofre numa vasilha, tendo o cuidado de calafetar bem

todo o aposento, afim do gaz sulfuroso não poder evadir-se.

Para proceder simplesmente à *lustragem*, depois do pêlo escovado, esfregue-se a pele, sempre no sentido natural, durante bastante tempo com um pano de sêda. Há quem as esfregue com as palmas das mãos, ligeiramente umedecidas com duas gotas de vazalina, ou com uma mistura de duas partes de clara de ovo e uma de gelatina.

Resumido: todos estes processos são rudimentares, e apenas aqui mencionados para completar êste pequeno tratado, de modo a que o cuniculicultor possa tirar o máximo rendimento da criação de coelhos. Evidentemente, não poderíamos, em tão resumido espaço, occuparmos dos processos mais modernos sôbre curtimento de peles, cuja industria, hoje tão desenvolvida e aperfeiçoada, dispõe de um sem número de máquinas. Essa descrição tornar-se-ia, pela sua complexidade, inútil num livrinho desta natureza.

FIM



da Pintor. Obras ilustradas, inserindo:
cas e suas características, Canis, Cria
e Alimentação. Hábito do cão, En-
midades e tratamentos.

9 - **Parasitos**, por Hilde-
B. de Albuquerque. Obras ilustradas, trat-
do dos: Parasitos e suas característi-
cas, Parasitos, Parasitos, Parasitos, etc.
Parasitos, Parasitos, Parasitos, etc.
Parasitos, Parasitos, Parasitos, etc.

10 - **Animais**, por Roman-
Tógo Madeira, obras ilustradas, trata-
do dos: Cavalos, Burros, Vacas, Cabras,
Cariacús, Porcos e Gatos. Suas doenças
e tratamentos.

11 - **Vinhos e Licores
Vegetais**, por J. Marinho Co-
pinho, abrangendo: Aguardente, Vinho,
Vinhos, Licores, Xaropes e Kermes,
Licores e hortaliças—Tratado útil a to-
das as agriculturas, vinícolas e licorí-
colas.

12 - **Conservação
de Frutas**, por Ruiz Igle-
sias, abrangendo: Conservação ve-
getal, seu fabrico e Conservação por
fogo, processos—Tratado completo
util a todos os agricultores, conti-
nha, condições e doses de uso.

13 - **Plantas pa-
rasitas**, MEDICINA CASEI-
RA, pelo Sr. Charles Terry, tradido por
Oliveira Queiroz. Obras ilustradas, in-
clui: Plantas medicinais, suas prop-
riedades curativas e modo de aplicar.
Inclui: Plantas medicinais e suas prop-
riedades curativas e modo de aplicar.
1 magalho volume \$200.

14 - **Parasitas e An-
tídotos**, das Hortas, Fardos e Jardi-
magem, por Horta Saldaña, continde: Des-
crição de todos os insetos que atacam
as plantas de fruto, flores, animais, vin-
hagens e cereais—Fabrico de repulsores in-
secticidas e modo de os empregar.

pelo técnico-agrícola Santos Delgado.
Esta importante obra é de gran-
de utilidade para os agricultores, engenheiros agrónomos, técnicos
e alunos de escolas agrícolas —
obra completa \$2500.

1 - **Pombos**, interessante tra-
tado, ilustrado, por Riquelme de Castro
e Menezes, inserindo o Vocabulário do
Colombófilo—Maneira de conhecer as
várias raças—Processo para conhecer o
sexo dos pombos—Criseo—Pombais—
Alimentação dos pombos correios—
Doenças e tratamentos.

2 - **Colinas**, obra ilustrada,
por A. de Aviles Simas, continde: Suas
raças e características—Criseo e al-
imentação—Instalações—Doenças e tra-
tamentos—Condições de saúde e hygiene
de beber.

3 - **Galinhas**, obra ilustra-
da por J. C. Rebelo Faria, continde:
Suas raças e características—Posturas
—Criação com a capoeira—Hábitos—
Doenças e tratamentos.

4 - **Arbustivos**, obra ilus-
trada e completa por J. Cardoso Bac-
lar, inserindo: Arbustos—Calendario do
jardim—Plantas de casa e de jardim
—Doenças e tratamentos das plantas—
Conservação das flores—Parasitas que
atacam as plantas e modos de os com-
bater, e Colapso dos lírios.

5 - **Arvores de Fruto**,
por Florindo Gomes Vaz, inserindo:
Arvores de espinho e de castão—Varie-
dades de frutos—Conservação, segurança
e acondicionamento—Culturas especiais
—Hortaliças e tratamentos.

6 - **Hortas**, por Tomás Ribas dos
Santos, obra ilustrada, continde: Ama-
nho de ervas—Arbustos para hortas e jar-
dins—Calendario do hortelão—Cultu-
ra de hortaliças—Margaritas—Para-
sitos das hortaliças e sua destruição.

7 - **Patos**, por Helder B. de
Albuquerque. Obras ilustradas, estado de
Fatores, Patos, Patos, Patos, etc.
Patos, Patos, Patos, etc.
Patos, Patos, Patos, etc.
Patos, Patos, Patos, etc.



RÓMULO



1329709293

CENTRO CIENCIA VMA
UNIVERSIDADE COIMBRA

COLEÇÃO AGRÁRIA

2\$50 CADA VOLUME

1—Pombos, interessante tratado, ilustrado, por Ezequiel de Castro e Menezes, inserindo o Vocabulário do Columbófilo—Maneira de conhecer as várias raças—Processo para conhecer o sexo dos pombos—Criação—Pombais—Alimentação dos pombos correios—Doenças e tratamentos.

2—Coelhos, obra ilustrada, por A. de Avilez Simas. Contendo: Suas raças e características—Criação e alimentação—Instalações—Doenças e tratamentos—Conselhos úteis e *Preparação de peles*.

3—Galinhas, obra ilustrada por J. C. Rebêlo Frazão, contendo: Suas raças e características—Posturas—Cuidados com a capoeira—Enfermidades e tratamentos.

4—Jardinagem, obra ilustrada e compilada por J. Cardoso Baccelar, inserindo: Adubos—Calendário do jardineiro—Plantas de casa e de jardim—Doenças e tratamentos das plantas—Conservação das flores—Parasitas que atacam as plantas e modos de os combater, e *Coloração das flores*.

5—Árvores de fruto, por Florindo Cosme Valdez, inserindo: Árvores de espinho e de carço—Variedades de frutos—Conservação, secagem e acondicionamento—Culturas especiais—Enfermidades e tratamentos.

6—Horta, por Tomé Ribas dos Santos. Obra ilustrada, contendo: Amanho de terras—Adubos para hortas e prados—Calendário do hortelão—Cultura de hortaliças—Morangueiros—Parasitas das hortaliças e sua destruição.

7—Patos, por Ildefonso B. de Albergaria. Obra ilustrada, tratando de Patos, Pavões, Perús, Faizões e Perdizes. Instalações, Alimentação, Posturas, Raças e suas características, Enfermidades e tratamentos.

8—Cães, por Augusto d'Almei-

da Pinto. Obra ilustrada, inserindo: Raças e suas características, Canis, Criação e Alimentação, Ensino do cão, Enfermidades e tratamentos.

9—Pássaros, por Ildefonso B. de Albergaria. Obra ilustrada, tratando de: Pássaros e suas características, Papagaio, Periquito, Rouxinol, Pintasilgo, etc. *Canário e a sua criação*. Alimentação, Gaiolas. Enfermidades e tratamentos. Processos de apanhar pássaros.

10—Animais, por Fernandez Trigo Madeira, obra ilustrada, tratando de: Cavallo, Burro, Boi, Vaca, Cabra, Carneiro, Porco e Gato. Suas doenças e tratamentos.

11—Vinhos e Licores Vegetais, por J. Martinez Campuzano, abrangendo: Aguardente, Cervejas, Licôres, Xaropes e Refrescos de frutas e hortaliças—Tratado útil a todos os agricultores, vinicultores e licoristas.

12—Conservação e Secagem de Frutas e hortaliças, por Ruiz Iglesias Buisan, abrangendo: Conservas vegetais. Seu fabrico e Conservação por vários processos—Tratado completo e útil a todos os agricultores, confeiteiros, cozinheiros e donas de casa.

13—Plantas que curam, MEDICINA CASEIRA, pelo abade Charles Terry, tradução de Oliveira Queiroz. Obra ilustrada, inserindo: Plantas medicinais, suas propriedades curativas e modo de aplicar. Infusões, tisanas e unguentos vegetais—**1 magnífico volume 5\$00.**

14—Parasitas e Adubos, das Hortas, Prados e Jardins, por Huería Saldaña, contendo: Destruição de todos os insectos que atacam as árvores de fruto, flores, animais, vinhas e cereais—Fabrico de adubos e insecticidas e modo de os empregar.

TRATADO GERAL DE AGRICULTURA

pelo técnico-agrícola Santos Delgado. Esta importante obra é de grande utilidade a todos os lavradores, agricultores, engenheiros agrónomos, regentes agrícolas, e alunos de escolas agrícolas — **Obra completa 15\$00.**